

Comunidade de Prática
Desenvolvimento Integral e Educação Intercultural na América Latina

Memória da Reunião Amazônia e Educação - Primeira Parte

17/05/2023

10:00-12:00hs (horário de Brasília)

Peru

Elena Burga Cabrera

Educadora, com mestrado em Ciências Sociais. Trabalhou em diferentes instituições públicas e privadas e na cooperação internacional. Foi responsável pela Direção Geral de Educação Bilingue e Intercultural Rural (DIGEIBIRA) do Ministério da Educação do Peru e Vice-Ministra de Interculturalidade no Ministério da Cultura do mesmo país. Atualmente é consultora independente

Estudo sobre a situação da educação na Amazônia peruana

Com mais de 750.000 km² (62% do país), o Peru ocupa a segunda posição (com 13%) em extensão amazônica, com três departamentos totalmente amazônicos (Loreto, Ucayali e Madre de Dios) e 12 que incluem esse escopo territorial. No entanto, a cosmovisão oficial sobre esse espaço tem sido construída sobre a noção de um lugar desperdiçado de riquezas incalculáveis, cujos habitantes seriam “um eterno problema” (infiéis, selvagens, antidesenvolvimentistas, preguiçosos ou em extrema pobreza). De fato, as estatísticas oficiais mostram a perpetuação das desigualdades sociais na Amazônia, as quais se reproduzem no cenário educacional. O acesso ao sistema educacional vai variando do fundamental ao superior. Enquanto o acesso ao ensino fundamental é universal, o acesso ao ensino médio na selva se destaca por ter os níveis de acesso mais baixos do país. Pela sua vez, o ensino universitário, tão valorizado, é aquele ao qual os estudantes da Amazônia têm menos acesso.

Em termos gerais, há um déficit de professores formados e/ou capacitados para atender as demandas educacionais na Amazônia. Muito particularmente há carência de professores bilíngues formados em educação bilíngue intercultural (EIB), muitos de eles não tem como deslocar para fazer formações. Por outro lado, os professores vivenciam grande instabilidade laboral e socioemocional: entre 70 e 85% não são concursados, mas contratados por períodos lectivos.

A complexidade da Amazônia e os desafios globais exigem uma política de Estado, pensar junto e articular todos os atores. Isso requer olhar “o outro” a partir das potencialidades e não das fragilidades, principalmente quando os resultados para superá-las são tão medíocres. As propostas devem passar pela geração de mesas multisectoriales entre indígenas e não indígenas, coletando propostas das organizações indígenas e dos governos territoriais sobre o bem viver e sua própria educação.

Torna-se urgente continuar a alargar o acesso ao ensino inicial e secundário com base na implementação de modelos de serviço educativo com todas as componentes de qualidade. E acompanhar e promover as iniciativas que vão surgindo de jovens profissionais, dirigentes e docentes que procuram novas formas de pensar e agir no território.

Colômbia

Claudia Belén Lancheros Fajardo

Cientista político da Universidade Nacional da Colômbia. Atualmente é coordenadora de Educação Ambiental para a Paz da Educapaz. Tem experiência de trabalho em equipe, com abordagem dialógica da participação com vistas à transformação social, justiça epistêmica, ambiental e de gênero. Participou de processos de protagonismo juvenil por meio de agendas de advocacy territorial

Educación Ambiental para a Paz na Amazônia colombiana

As florestas também foram vítimas do pós-conflito. Em 2017, primeiro ano do Acordo de Paz, o desmatamento na Colômbia chegou a 219.552 hectares contra 177.765 hectares desmatados no período pré-acordo. Ou seja, houve um aumento de 23%. 2017 continua sendo o ano com a maior perda florestal desde que a Colômbia começou a medir o problema. Significa que a ausência de poder facilitou a entrada de atores responsáveis pelo desmatamento. Diante desse cenário, Educapaz construiu uma aliança entre o sistemas dos Parques Naturais Nacionales (PNN) e CLUA para criar uma transição entre uma estratégia militar e a construção de acordos sociais, comunitários e educacionais para mitigar o desmatamento.

A proposta da Educapaz se baseia em avançar na conceituação de Áreas Protegidas (UC) como nós da biodiversidade, onde a Educapaz realiza ações de educação ambiental para a Paz com a participação do PNN Projeto Interinstitucional de Visión Estratégica PNN - Territorios de Desarrollo Sustentable e Inovador vida em paz com a natureza, justiça social e ambiental" O objetivo da Educação Ambiental para a Paz é fortalecer a consciência do cuidado com a vida de meninas, meninos e jovens e a Educação Ambiental para a Paz com enfoque intercultural, territorial e de gênero, em torno apropriação e conservação de áreas protegidas e sua biodiversidade, adaptação às mudanças climáticas e mitigação do desmatamento de florestas tropicais e não apenas na Amazonía, pois o projetos está presente em varios lugares onde há parques naturais.

Comunidad de Práctica

Desarrollo Integral y Educación Integral en América Latina

Memoria de la Reunión Amazonía y Educación - Parte 1

17/05/2023

8:00-10:00 (Hora de Lima y Bogotá)

Perú

Elena Burga Cabrera

Educadora, con estudios de maestría en Ciencias Sociales. Ha trabajado en diferentes instituciones públicas y privadas y de cooperación internacional. Estuvo a cargo de la Dirección General de Educación Intercultural Bilingüe y Rural (DIGEIBIRA) del Ministerio de Educación de Peru y fue Viceministra de Interculturalidad en el Ministerio de Cultura del mismo país. Actualmente es consultora independiente

Estudio sobre la situación de la educación en la Amazonía peruana

Con más de 750,000 km² (el 62% del país) el Perú ocupa la segunda posición (con el 13%) en extensión amazónica, con tres departamentos totalmente amazónicos (Loreto, Ucayali y Madre de Dios) y 12 que incluyen dicho ámbito territorial. Sin embargo, la cosmovisión oficial se construye sobre la concepción de un lugar desaprovechado de incalculables riquezas, cuyos habitantes serían un eterno problema (infidel, salvaje, anti desarrollo, holgazán o en extrema pobreza). Las estadísticas oficiales muestran la perennización de las brechas sociales en la Amazonía, las cuales se reproducen no panorama educativo. El acceso al sistema educativo se equaciona entre dos variables opuestas,

mientras el acceso a la primaria es universal, el acceso a la secundaria en la la selva se destaca por tener los menores niveles de acceso en el país. Por su parte la formación universitaria que es tan valorada, es a la que menos acceden los estudiantes de la Amazonía.

En términos generales se detecta un déficit de docentes formados y/o capacitados para atender las demandas educativas en la Amazonía en general, y muy particularmente de docentes bilingües y formados en educación intercultural bilingüe (EIB). Los docentes viven gran inestabilidad laboral y socioemocional: entre el 70 y 85% son contratados.

La complejidad de la Amazonía y los desafíos mundiales, requieren de una política de Estado, pensar juntos y articular más todos los actores. Esto exige mirar al *otro* desde las potencialidades y no las debilidades, y más cuando los resultados para superar éstas, son tan mediocres. Las propuestas deben pasar por generar mesas multi actor entre indígenas y no indígenas, recoger propuestas de OOII y Gobiernos territoriales sobre buen vivir y educación propia.

Se torna urgente seguir ampliando acceso a la educación inicial y secundaria a partir de la implementación de modelos de servicios educativos con todos los componentes de calidad. Y acompañar e impulsar las iniciativas que van surgiendo desde jóvenes profesionales, líderes y profesores que buscan nuevas maneras de pensar y actuar sobre el territorio.

Colombia

Claudia Belén Lancheros Fajardo

Politóloga de la Universidad Nacional de Colombia. Actualmente se desempeña como coordinadora de Educación ambiental para la paz de Educapaz. Tiene experiencia de trabajo en equipo, con un enfoque dialógico para la participación con miras a la transformación social, la justicia epistémica, ambiental y de género. Ha participado en procesos de liderazgo juvenil a través de agendas de incidencia política territoriales

Educación Ambiental para la paz en la Amazonía colombiana

Los bosques también se convirtieron en víctima del posconflicto en el 2017, el primer año de vigencia del Acuerdo de Paz, la deforestación en Colombia alcanzó las 219. 552 hectáreas versus las 177.765 hectareas deflorestadas en el periodo pre-acuerdo. Es decir que con el vacío de poder que surgió con la salida de los actores armandos, hubo un aumento del 23% de desflorestamiento. El año de 2017 sigue siendo el año con la pérdida de bosques más alta desde que Colombia empezó a medir el problema. Frente a este escenario se construyó un acuerdo entre Educapaz, Parques Naturales Nacionales (PNN) e CLUA para crear un tránsito entre una estrategia militar y la construcción de acuerdos sociales, comunitarios y educativos para mitigar la deforestación.

La propuesta de Educapaz parte de avanzar sobre la conceptualización de las Áreas Protegidas (AP) como nodos de la biodiversidad, donde Educapaz realiza acciones de educación ambiental para la Paz con la participación de PNN se psuv en marcha un Proyecto Interinstitucional de Visión Estratégica PNN - Territorios de vida sostenible e innovadores en paz con la naturaleza, justicia social y ambiental” El objetivo de la Educación Ambiental para Paz es fortalecer la conciencia del cuidado de la vida de niñas, niños y jóvenes y la Educación Ambiental para la Paz con un enfoque intercultural, territorial y de género, alrededor de la apropiación y conservación de las áreas protegidas y su biodiversidad, la adaptación al cambio climático y la mitigación de la deforestación de los bosques tropicales y no apenas en la Amazonía, sino extensiva a varios lugares del país con parques naturales.